

Nas margens, o presente fere e sangra com suas urgências. Nas sociedades totalitárias e nas que se querem democráticas, o lugar da arte na cultura torna-se sempre problemático. Cultura e arte são interseções. Respondem às tensões geradas pelos conflitos políticos. Estetizações e politizações: arte para o futuro, arte para o presente. Com a arte podem-se legitimar os relatos nacionais, justificar guerras, potencializar ficções, criticar ideologias. Assumindo a condição crítica, a arte interpela o pensamento institucional e a produção dos pensadores, instalando como plataforma de ação o dissenso ou o paradoxo. Fratura biografias e autobiografias. Faz emergir o real traumático, explodindo as representações e as simulações da conveniência. E convoca o presente, suas dores, alegrias, vicissitudes, inquietações e impasses.